

## O LEGADO DE JACQUES DERRIDA 20 ANOS DEPOIS (1930 – 2004)

Revista CULT

30 de julho de 2024

Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/derrida-20-anos-depois/>

Em 16 de agosto de 2004, o pensador franco-argelino Jacques Derrida realizou, no Teatro da Maison de France no Rio de Janeiro, aquela que seria sua última conferência. O Colóquio Internacional *Pensar a Desconstrução* tinha sido planejado desde 2001, quando ele viera ao Rio, junto com seu amigo René Major, participar de um evento organizado por psicanalistas no Planetário da Gávea. Mas, por diversos motivos, só aconteceu três anos depois, numa colaboração entre o Escritório do Livro Francês e a Universidade Federal de Juiz de Fora, onde então eu lecionava.

Coorganizei o colóquio com minha colega da UFJF Maria Clara Castellões de Oliveira, coordenadora da Pós-graduação, e um grupo de alunos bolsistas. Tivemos o apoio do Consulado, da Capes e do CNPq. Com a participação de especialistas brasileiros e estrangeiros, como Silviano Santiago, Leyla Perrone-Moisés, Marcos Siscar e a portuguesa Fernanda Bernardo, o evento se encerrou com uma conferência do filósofo Bernard Stiegler.

Apesar de já estar bastante debilitado pela enfermidade que o levaria menos de dois meses depois, em 9 de outubro, Derrida não somente veio, mas cumpriu toda a agenda prevista: participou de uma sessão de autógrafos com o livro *Papel máquina*, que eu acabara de traduzir (ed. Estação Liberdade); foi a um almoço oferecido pelo cônsul; concedeu uma entrevista para o programa “Milênio”, da GloboNews. Esta é, aliás, de fato sua última entrevista, e não, como normalmente se pensa, a concedida pouco antes ao jornal *Le Monde*.

O tema da conferência de abertura que durou três horas foi “Le Pardon, la vérité, la réconciliation: quel genre?”. Traduzida por mim mesmo como “O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?”, foi publicada no livro do evento *Pensar a desconstrução* (ed. Estação Liberdade). Saiu alguns anos depois na França,

num volume em que reuni as duas entrevistas que fiz com ele para a *Folha de S. Paulo*, além de uma introdução: *La Solidarité des vivants et le pardon* (ed. Hermann). No texto introdutório, procuro explicar a importância das reflexões de Derrida sobre o perdão, em particular no momento em que a comissão Verdade e Reconciliação analisava os casos da época do *apartheid* na África do Sul. Para ele, o perdão não se confunde com a anistia, nem com a reconciliação ou o esquecimento. Tema eminentemente político, pode-se perdoar e, ao mesmo tempo, exigir reparação pelo mal feito. Como interpreto, perdoa-se para evitar o ressentimento e o desejo de vingança, que não se confunde com a necessidade de justiça.

Em função desse último evento no Rio de Janeiro, que também foi sua última viagem, dei um testemunho para a *Biografia* do filósofo escrita por Benoît Peeters. Publicada em 2010 pela ed. Flammarion, foi traduzida em 2013 por André Telles, com uma introdução minha, pela ed. Civilização Brasileira.

Considerado por muitos como o mais influente filósofo da segunda metade do século XX, Derrida legou uma obra publicada com cerca de oitenta volumes, acrescidos agora dos Seminários anuais, que têm sido editados postumamente por uma equipe de especialistas, primeiro pela editora Galilée e mais recentemente pela Seuil.

No final do primeiro semestre de 2003, ele foi diagnosticado com um câncer de pâncreas, e se aposentou em definitivo da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, bem como das diversas instituições onde deu aulas durante quatro décadas nos Estados Unidos.

O tema de seus dois últimos anos letivos foi a relação entre os humanos e os animais, abordado do ponto de vista sobretudo filosófico e literário, com o título de *La Bête et le souverain* (A Besta ou A Fera e o Soberano). Esses seminários fizeram parte da grande rubrica “Questões de responsabilidade”, envolvendo problemas éticos, políticos e estéticos. Entre 1991 e 1993, tive a chance de assistir, como aluno inscrito e apresentando trabalho, aos dois primeiros módulos, cujos temas foram “O segredo” e “O testemunho”. Depois se seguiriam “A hospitalidade”, “O perjúrio e o perdão”, “A pena de morte” e, por fim, “A soberania e a animalidade”.

A obra de Derrida é, portanto, vasta, envolvendo inclusive textos importantes antes de 1967, ano em que publica simultaneamente três livros que mudarão os rumos da filosofia: *Gramatologia*, *A escritura e a diferença* (ambos pela Perspectiva) e *A voz e o fenômeno* (ed. Zahar). O Brasil esteve entre os primeiros países a traduzi-lo. É preciso lembrar que, do mesmo modo como aconteceu inicialmente nos Estados Unidos e noutros países, quem primeiro acolheu a obra de Derrida no Brasil foram profissionais da literatura. O meio filosófico se mostrou mais reservado, quando não hostil, ao pensamento desconstrutor.

Foi por recomendação do poeta, professor universitário e ensaísta Haroldo de Campos que a Perspectiva traduziu *A escritura e a diferença*, em 1971 (tradução de Maria Beatriz M. Nizza da Silva), e *Gramatologia*, em 1976 (tradução de Miriam Schneiderman e Renato Janine Ribeiro). Igualmente, Silviano Santiago publicou com seus alunos de literatura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro o *Glossário de Derrida*, em 1976 (ed. Francisco Alves). Felizmente, a partir dos anos 2000 essa tendência começou a mudar: as faculdades e os departamentos de filosofia se mostraram mais acolhedores, enquanto os estudos literários mantiveram e até aumentaram o interesse pela obra de Derrida. Hoje ele é estudado por artistas, educadores e cientistas políticos.

O que me fascinou de imediato em minhas primeiras leituras da obra de Derrida foi a temática abrangente, que atendia a grande parte de meu desejo de reflexão e intervenção no mundo: o repensar os limites da chamada metafísica ou cultura ocidental, a partir dos três preconceitos fundamentais. Ou seja, o *logocentrismo* (o privilégio do discurso verbal em detrimento de outras linguagens), o *fonocentrismo* (o privilégio da voz) e o *falocentrismo* (o privilégio simbólico do falo). Importam igualmente a questão da verdade para além da metafísica da presença, a problematização do humano, sem recair no anti-humanismo, a valorização progressiva da vida animal, a espectralidade como questionamento dos limites entre vida e morte etc.

Em tudo isso, a literatura detinha um poder discursivo performativo – distinto dos enunciados teóricos da filosofia –, o qual torna possível pensar, com efeito, o impensado ou mesmo o impensável da chamada metafísica ocidental. Como diz na entrevista concedida a David Attridge *Essa estranha instituição chamada literatura* (ed. da UFMG, tradução Marileide Esqueda, com revisão técnica e

introdução minhas): “A ‘economia’ da literatura me parece às vezes mais poderosa do que a dos outros tipos de discurso, por exemplo, o discurso histórico ou o filosófico. Às vezes: depende das singularidades e dos contextos. A literatura seria potencialmente mais potente”. Trata-se de uma hipótese sempre em aberto e não de uma tese conclusiva, até porque também alguns discursos filosóficos e históricos podem deter alto poder performativo. Foi um leitor altamente inventivo da poesia de, entre outros, Francis Ponge, de Stéphane Mallarmé e de Paul Celan, dos desenhos e textos de Antonin Artaud, da ficção de Franz Kafka, de Jean Genet e de sua amiga Hélène Cixous.

Para Derrida, a literatura não é simplesmente mais um gênero discursivo, entre inúmeros outros da tradição ocidental e de outras tradições. A *estranha* instituição literária, em seu sentido atual, está relacionada ao conceito moderno de democracia e ao poder *dizer tudo* (*tout dire*) a que esta dá vez e lugar. A literatura é, portanto, uma das melhores alavancas de intervenção para promover, hoje, quando a vida se precariza no horizonte da economia neoliberal, o direito à justiça como respeito ao outro enquanto outro. Sem esse justo direito, é a *sobre-vivência* (*survie*) do humano e de muitos não humanos (plantas, animais e minérios ou coisas) que se vê em definitivo ameaçada.

Outro aspecto a ser ressaltado diz respeito ao legado de Derrida para a própria filosofia, que é enorme. Ao se alinhar como questionador (ou como eu diria hoje, “disseminador”) da tradição metafísica ocidental, em suas múltiplas e infindas vertentes, no rastro de Nietzsche, e de Heidegger como leitor deste, Derrida possibilitou vislumbrar um mais além do horizonte inevitavelmente limitado da tradição. Tornou-se assim o pensador do *porvir* e da *alteridade*, no rastro também de Emmanuel Levinas, interpretando e ajudando a deslocar muitos dos dogmas ainda não abalados da tradição filosófica, sobretudo no que diz respeito ao humano e seus outros: os animais, as plantas e todas as formas de vida que não se situam no horizonte *fonofalocêntrico* ou *carnofalocêntrico*.

Se existe uma *injunção* persistente nessa obra é no sentido de que acrescentemos algo de nosso ao texto que lemos. Sem esse suplemento de leitura, a que convoca desde as primeiras linhas *A farmácia de Platão*, nada de

*texto* em sentido forte, quer dizer, nada de *pensamento*. É o que ele chamou de *contra-assinatura*: instauração de uma nova assinatura a partir dos autores lidos.

Isso impõe uma reflexão sobre a própria questão da herança intelectual, material e artística. Quem herda tudo deixa-se esmagar pela totalidade do legado, sem conseguir retirar dos ombros o peso excessivo da herança, a fim de elaborar a própria obra. Tal como comparece em *Espectros de Marx*, o herdeiro ou a herdeira que age desse modo deseja ecoar as múltiplas vozes do pai-legatário como se fossem apenas uma única Voz, não percebendo a *disjunção* e a multiplicidade que sustentam o chamado, o apelo ou a convocação inerente ao ato de legar. Além disso, não leva em consideração diferentes possibilidades de heranças, vindas de outros “pais” e de outras “mães” intelectuais. Cito em minha própria tradução os *Espectros de Marx*:

*Uma herança jamais se reúne, formando uma unidade consigo mesma. Sua unidade presumida, se há, somente pode consistir na injunção de reafirmar, escolhendo. É preciso [Il faut] quer dizer é preciso filtrar, peneirar, criticar, fazendo a triagem entre as várias possibilidades que habitam a mesma injunção. E habitam de maneira contraditória, em torno de um segredo. Se a legibilidade de um legado fosse dada, natural, transparente, unívoca, se não convocasse e, ao mesmo tempo, não desafiasse a interpretação, nunca se teria o que herdar.*

De modo que continuo a ler Derrida e a escrever acerca de sua obra, de maneira rigorosamente fiel (filológica) e traidora (interpretativa, inventiva), segundo o *double bind* que ele tanto defendeu. Sem dúvida, o que me levou a encontrar Derrida, tornando-me seu aluno e intérprete, foi o caráter de *hospitalidade incondicional* de seus textos, de suas múltiplas falas e de sua pessoa acolhedoramente singular. Longe de desejar ser um simples divulgador de suas ideias, me interessou *pensar com* ele, indo em alguns aspectos mais além do que formulou.

É o pensador da *différance*, palavra que ele grafou com um *a*, em vez do *e* ortográfico (*différence*). Entre outras coisas, essa rasura permite pensar uma *diferença* mais além das oposições binárias entre masculino e feminino, presença e ausência, vida e morte, branco e preto, alto e baixo, dentro e fora, e assim por diante. Como ele enfatizou em mais de um momento, esses pares funcionam de modo hierarquizado: o primeiro termo vale mais do que o outro.

Cabe então inverter e deslocar esses binarismos metafísicos, valorizando o segundo termo e conseqüentemente abrindo novas perspectivas de reflexão e existência.

Nos últimos anos, Derrida e a desconstrução têm sido acusados de fomentar o chamado *identitarismo* ou o *wokismo*. A primeira coisa a assinalar é que se trata de designações pejorativas para fenômenos bastante complexos. O que assim se nomeia são importantes movimentos de luta pelos direitos civis de grupos supostamente minoritários. Movimentos estes que emergiram primeiro nos Estados Unidos, sobretudo a partir da década de 1960 (embora as manifestações tenham começado muito antes), e depois se difundiram noutros países. Feminismo, movimentos negros, defesa dos gays e de orientações sexuais não hegemônicas, entre outros ativismos éticos e políticos, são hoje de grande relevância na cena mundial.

Houve, de fato, uma convergência entre esses movimentos sociais e o trabalho não só de Derrida, mas também de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Julia Kristeva, Jean-François e de outros pensadores da cena francesa. Autores do chamado pós-colonial como Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Stuart Hall se inspiraram explicitamente na desconstrução e em tendências afins. Spivak foi inclusive a tradutora e prefaciadora nos anos 1970 de *On Grammatology*, que marcou época. Mais recentemente, filósofas e filósofos do gênero e das novas tecnologias como Judith Butler, Donna Haraway e Paul Preciado desenvolveram suas teorias sob inspiração derridiana, entre outras referências.

Todos são autores e autoras com obra própria, de grande influência nos questionamentos sobre o vasto colonialismo praticado por nações europeias sobre outros povos e territórios. A última dessas tendências, com grande difusão nas humanidades, é o chamado *decolonial*, que prefiro nomear como *descolonial*, formulado inicialmente pelo argentino Walter D. Mignolo no âmbito dos estudos latino-americanos.

Essa defesa incondicional das minorias oprimidas tem provocado a ira sobretudo de pensadores de direita e de extrema-direita. Estes passaram a demonizar toda forma de contestação do *establishment* como uma espécie de

“barbárie” contra os pilares da cultura ocidental. O argumento mais utilizado é o de que esses ativismos são particularistas e, portanto, visam a destruir os valores supostamente universais da democracia.

Essa paranoia direitista (endossada por alguns conservadores que se dizem de esquerda) mal esconde o fato de que a luta pelos direitos civis tais como igualdade de gêneros, casamento entre pessoas do mesmo sexo e luta antirracista ampliam o escopo dos direitos humanos. Sem a regulamentação de direitos de ordem prática, os direitos humanos defendidos pela ONU e outros organismos internacionais são uma mera abstração.

Em janeiro de 2022, teve lugar em Paris um colóquio aberto pelo então ministro da educação nacional Jean-Michel Blanquer, intitulado “Après la déconstruction: reconstruire les sciences et la culture” (Depois da desconstrução: reconstruir as ciências e a cultura). Tratou-se de uma ingerência do governo de direita de Emmanuel Macron sobre a pesquisa universitária. Desejou-se, assim, lançar na lata de lixo mais de cinco décadas de pesquisas e avanços em Humanidades e Literatura, ou seja, um dos maiores legados mundiais da França. As obras de Derrida, Foucault, Deleuze, Kristeva, Lyotard e de todos os outros deveriam ser abandonadas, em nome de uma pretensa “reconstrução das ciências e da cultura”.

A resposta a esse “sapiente” colóquio veio no ano seguinte, com o colóquio realizado na Sorbonne com o título de “Qui a peur de la déconstruction?” (Quem tem medo da desconstrução?, publicado em livro ainda em 2023 pela PUF). Organizado por Isabelle Alfandary, Anne Emmanuelle Berger e Jacob Rogozinski, um grupo de filósofos passou em revista o legado das desconstruções, bem como analisou os temores dos conservadores e extremistas.

Denis Kambouchner, em seu excelente artigo na coletânea, “Pourquoi lire Derrida?” (Por que ler Derrida?), resume bem o que está em jogo nos textos e intervenções realizados sob o signo da desconstrução, como traduzo:

Não são exatamente produções de tipo teórico: são, antes, mutações de grande amplitude e ações coletivas, juntamente, é claro, com os discursos que as apresentam. Além dos aspectos tecnológicos que nunca se deve negligenciar, e aos quais Derrida este admiravelmente

atento, tangenciamos aqui a dimensão *cosmopolítica* da desconstrução. Muito além dos muros das universidades ou das bibliotecas, Derrida muitas vezes atentou, como é notório, para os sinais de fragilização das hegemonias de todo tipo, sendo ativamente solidário em relação a inúmeros movimentos de liberação ou de emancipação.

Pode-se pensar, assim, as *deconstruções* como movimentos filosóficos, estéticos e políticos, dentro e fora da Universidade, que visam a contestar a hegemonia socioeconômica e cultural implantada pelos diversos *colonialismos* ao redor do mundo, em particular o *neocolonialismo* estadunidense. É uma tendência, sem dúvida, contra o *etnocentrismo* de origem europeia.

De minha parte, realizar pesquisas e promover eventos em torno da animalidade e, mais recentemente, das plantas, foi o modo que encontrei para desdobrar o legado derridiano, tendo como matéria-prima textos literários e filosóficos, artes visuais e, sobretudo, experiências cotidianas com esses outros viventes não humanos.

Em momentos pontuais cheguei a marcar minhas discordâncias em relação a aspectos da obra derridiana. E, principalmente, ao desenvolver um pensamento autoral, me interessei e me interessei cada vez mais pelo legado reflexivo de afrodescendentes e indígenas, tais como Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento, Antônio Bispo dos Santos, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Sonia Guajajara e. São vozes que pouco foram ouvidas ao longo da história da intelectualidade brasileira e que agora despontam como alternativas à pulsão destrutiva do necrocapitalismo.

Não se trata em absoluto de um anti-humanismo, mas sim de contestar a hegemonia do humanismo tradicional, pondo em novas perspectivas o colonialismo de origem europeia, bem como de outras partes do mundo. Entre outros fatores, está em jogo atualmente saber como garantir os direitos humanos e civis da parte mais fragilizada da sociedade, quando a extrema-direita emerge com grande força em diversos países democráticos ou ditatoriais.

Tais foram as *sementes* que Derrida lançou ao longo de cinco décadas de atividades letivas, participações em eventos e publicações. Cabe a nós



desdobrá-las em novas direções, não como discípulos repetidores, mas como intérpretes capazes de selecionar e transformar o que julgarmos essencial nessa imensa obra.

**Evando Nascimento** é professor aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora, escritor, ensaísta e artista visual. Publicou, entre outros, *Derrida e a literatura* (ed. É Realizações, traduzido na Argentina pela ed. La Cebra) e *O Pensamento vegetal* (ed. Civilização Brasileira, traduzido no Chile por Mimesis Ediciones).